A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA DO EDUCADOR

O fato de que uma multidão de homens
seja conduzida a pensar coerentemente
e de maneira unitária a realidade presente
é um f ato "filosófico" bem mais importante e "original"
do que a descoberta, por parte de um "gênio filosófico",
de uma nova verdade que permaneça
como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

Gramsci

O objetivo deste segundo momento de nosso livro é mostrar o lugar que a Filosofia da Educação ocupa na formação e prática do profissional que atua na área da Educação, seja ele o professor ou o especialista das funções pedagógicas. Trata-se de mostrar que esse é um lugar legítimo e necessário, e que o componente Filosofia da Educação não se encontra na grade curricular só por capricho, mas porque é mediação insubstituível na formação desse profissional e porque a reflexão filosófica sobre a educação se fará sempre necessária para o educador durante toda a sua vida profissional. Ela estará sendo sempre exigida pela sua prática.

Como teremos a oportunidade de ver no decorrer deste livro, para se formar um educador qualificado são necessários muitos outros elementos, trazidos pelos outros componentes curriculares, mas a formação do educador será truncada se lhe faltarem os elementos especificamente filosóficos.

Mas para entendermos bem qual o lugar da Filosofia da Educação no contexto da formação e da prática do educador, é preciso relembrarmos qual o papel da própria reflexão filosófica no contexto da formação da cultura humana em geral e qual o papel da própria Educação. Neste segundo capítulo, veremos qual o sentido e a contribuição da Filosofia como elemento geral da cultura humana.

A Filosofia: Prefigurada no Mito?

A forma de expressão e o sentido do pensamento filosófico, tais quais os conhecemos hoje no Ocidente, nasceram da experiência cultural da Grécia antiga.

Mito é uma narrativa que explica alegoricamente as situações da existência dos homens.

Foram os assim chamados **pré-socráticos**, pensadores gregos do século V a.C, os introdutores do processo da reflexão sistemática da Filosofia. Na verdade, muito antes deles, os próprios gregos já anunciavam e pressentiam essa postura da reflexão humana que se consagrou como filosofia, paradoxalmente através dos seus **mitos**.

A mitologia grega, embora não se desenvolvesse nos mesmos esquemas lógico-racionais da filosofia posterior, não deixou de explicitar uma rica significação lógica, embutida em formas alegóricas de pensar. Assim, não devemos pensar a mitologia como um conjunto de formas ilógicas, irracionais. Trata-se de uma primeira forma de pensar, expressando basicamente um esforço de ordenação, de unificação, que prenunciou tudo o que viria a seguir no Ocidente em termos de saber.

Vamos retomar aqui uma conhecida passagem dessa mitologia, em que acreditamos estar prenunciada a significação mais autêntica da própria filosofia. Trata-se do **mito da Esfinge.**

Conta a tradição oral da mitologia grega, vinculada ao mito de Édipo, que, quando Creonte governava Tebas, após o assassinato de Laio, por Édipo, seu filho, a Esfinge, monstro fabuloso, fixara-se nas cercanias dessa cidade e passara a devorar quem não soubesse resolver os seus enigmas, espécies de charadas, a que eram submetidos todos aqueles que tentavam adentrar os portões da cidade e liberar Tebas. Esse monstro tinha sido enviado pela deusa Hera para punir os tebanos por toda uma série de crimes que aí se cometiam.

Tentando libertar Tebas dessa maldição, Creonte ofereceu seu trono a quem destruísse a Esfinge, que só conseguiria quem decifrasse os enigmas da mesma.

Só Édipo os decifrou, esclarecido que foi por outra divindade. Provocando a autodestruição da Esfinge e a conseqüente libertação de Tebas, Édipo tornou-se rei, recebendo, além do trono, a mão de Jocasta, irmã de Creonte e viúva de Laio. Só que Jocasta

era sua mãe. Os dois cometem, portanto, o incesto que fora prenunciado pelos oráculos.

O que nos interessa aqui é a prefiguração que os enigmas da Esfinge manifestam, ao expressar, a nosso ver, o próprio sentido da atitude filosófica, no contexto da condução da sua existência.

A Esfinge formulara dois enigmas. O primeiro era o seguinte: “quem é que, dotado de voz, anda primeiro com quatro pés, depois com dois e finalmente com três?" E o segundo era: "existem duas irmãs; a primeira engendra a segunda que, por seu turno, engendra a primeira. Quem são elas?" Édipo respondeu que, no primeiro caso, tratava-se do "homem" e, no segundo, da "claridade do dia" e da "escuridão da noite".

É interessante observarmos os diversos elementos prefigurados nessa passagem do mito. Não podemos deixar de perceber em Édipo um representante do próprio homem que enfrenta uma dupla situação problemática de sua condição existencial: de um lado, a necessidade do saber, do conhecimento; de outro, a íntima vinculação do saber com o poder.

É preciso ter o conhecimento, o saber, para que se possa decifrar os enigmas que oprimem a humanidade. No caso, Tebas representa a humanidade, Édipo, o homem; a capacidade de decifração, o saber. As injunções políticas de Tebas e a opressão da Esfinge representam o poder.

Ora, está aí prefigurada a problemática básica da humanidade e a significação mais profunda do esforço filosófico. Com efeito, a reflexão filosófica desenvolvida pela humanidade é fundamentalmente um esforço em busca do **saber,** conhecimento que visa a esclarecer e libertar o homem de todas as formas de opressão, que podemos sintetizar através do conceito de **poder.**

Na verdade, os únicos problemas especificamente humanos, não compartilhados por nenhuma outra espécie de seres vivos, são aqueles relacionados com a exigência do saber e com a presença das relações de poder entre os homens.

Também a pergunta e a resposta relacionadas com a "claridade do dia" e a "escuridão da noite" constituem uma contraposição significativa da relação saber e poder: a claridade, a luz, representando o saber, que vence a escuridão; as trevas, simbolizando o poder.

Podemos então dizer, numa primeira abordagem, que a **filosofia**, de uma maneira geral, é uma forma de saber; é o esforço de conhecimento, de reflexão, de esclarecimento, que os homens desenvolvem com o objetivo de compreender a significação de sua própria existência.

Tal como Édipo, seu representante mítico, os homens se defrontam com a necessidade de saber **quem é o próprio homem** para superarem todas as dificuldades que essa existência

lhes impõe. Quem não possuir o saber será inexoravelmente devorado, ou seja, oprimido pelas forças naturais e sociais que o cercam.

Obviamente estamos aqui diante de uma alegoria, mas que não deixa de ter significação pertinente e permanente. Continuamos hoje na mesma situação em que se encontrava Édipo; os desafios são os mesmos.

A Filosofia como Realização Histórico-Cultural

A filosofia não foi apenas uma prefiguração mítica. Na verdade, ela se constituiu historicamente em uma impressionante expressão cultural no Ocidente. Criou, assim, uma tradição de pensamento, elaborando complexas visões da realidade, procurando sempre "explicar" e "compreender" o sentido de todas as coisas, de todos os objetos de sua experiência, inclusive do processo dessa experiência.

Inaugurando-se, pois, na Grécia, desenvolveu-se como instância significativa da cultura ocidental nos últimos dois milênios.

Quando se examinam as grandes articulações da história da cultura ocidental, não há como negar a impressionante presença e atuação de concepções de mundo que se sucedem, num permanente processo de afirmação, negação e superação, como marcas características e dominantes dos diversos momentos dessa história.

Podemos identificar três grandes caminhos trilhados pela Filosofia em sua constituição histórica no Ocidente:

1.0 Homem numa Perspectiva Essencialista

Constatamos que, nos quinze primeiros séculos de sua história na cultura ocidental, a Filosofia construiu uma concepção de mundo fundamentalmente **essencialista**. Nesse longo período que compreende a Antiguidade e a Idade Média, ela se apresentou como um modo **metafísico de pensar**. A realidade se constitui como uma ordem ontológica: tanto o mundo como o homem são vistos como entes substanciais que realizam uma **essência**. Esta se define por características peculiares, próprias de cada espécie, sendo, portanto, comuns e universais.

Essencialismo é uma forma de concebera realidade, entendendo-a formada por essências.

A realização e a perfeição de cada ente são avaliadas exatamente em proporção à plenitude de atualização das potencialidades intrínsecas dessa essência. O homem, como todos os demais seres existentes, tem uma essência, uma natureza, fixa e permanente, na qual estão inscritos os valores que presidem sua ação. Tanto a ética como a política apóiam-se, pois, em fundamentos propriamente metafísicos, essencialistas.

Essência é o conjunto de características, supostamente fixas e imutáveis, que constitui cada ser e o identifica em relação aos outros.

Paidéia: na cultura grega, era a formação integral do homem, a ser propiciada pela educação, através de recursos pedagógicos e culturais, com destaque para a formação filosófica.

É dessa mesma perspectiva que se pode compreender a educação nesse primeiro momento. Em toda a Antiguidade e Idade Média, predominou uma concepção de educação como processo de atualização das potencialidades da essência humana, mediante o desenvolvimento das suas características específicas, visando sempre a um estágio de plena perfeição.

É interessante notar, por sinal, que, nesse período dominado pelo modo metafísico de pensar, julga-se que a busca da perfeição se dá fundamentalmente pela educação vista como **paidéia**.

O homem é, por excelência, um ser educável porque ele pode ser aperfeiçoado. Ora, a característica específica básica de sua essência é a racionalidade, através da qual ele compartilha do próprio **logos**, princípio

Logos é o princípio da racionalidade, organizador e ordenador do real.

ontológico, quase divino, que a cultura filosófica grega coloca como o princípio ordenador de todo o real. A educação se dirige prioritariamente ao espírito, entendido este como subjetividade racional.

Não é, pois, sem razão que o alicerce filosófico de toda a teoria e prática educacional desse período se constitui a partir das filosofias de Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Pouco importam suas diferenças doutrinárias; no fundamental, elas convergiam para uma visão essencialista do homem.

2.0 Homem numa Perspectiva Naturalista

Já nos cinco séculos da Idade Moderna, predomina uma nova visão da realidade e do homem constituída a partir do Renascimento, por meio de uma profunda revolução epistemológica. Essa revolução instaura o projeto iluminista da modernidade, fundado na naturalização da racionalidade humana, resgatando-a de suas vinculações teológico-religiosas do período metafísico medieval.

Naturalismo é a forma de conceber todas as realidades como partes integrantes exclusivamente da natureza física.

Esse novo momento se configura pretensamente como negação do primeiro. Uma nova visão antropológica se forma, de acordo com a qual o homem faz parte da natureza física, submetendo-se às mesmas leis que presidem a vida orgânica e a matéria. Ele é apenas um ser vivo como os demais. Além disso, a natureza esgota o real, não havendo por que recorrer a entidades transcendentes para se dar conta dela.

A filosofia moderna desenvolve, assim, uma visão naturalista do mundo e do homem, a partir da nova perspectiva de abordagem do real: o modo cientifico de pensar, sem dúvida, o primeiro fruto do projeto iluminista da Modernidade.

A realidade corporal do homem passa a ser mais valorizada, uma vez que a própria razão é uma dimensão natural. E a perfeição a que o homem pode aspirar relaciona-se com as peculiaridades do processo vital natural.

A perfeição de qualquer ser vivo é viver mais e melhor; o objetivo de toda vida é mais vida. A própria vida espiritual depende das boas condições do corpo. A razão é razão natural, guia-se apenas por suas próprias luzes, que lhe revelam o mundo, determinado por leis mecânicas, rígidas e imutáveis.

A ciência tem como pressuposto o naturalismo.

O saber próprio do novo homem é a **ciência.** E é pelos seus conhecimentos que o homem pode conhecer não apenas o mundo mas também a si próprio, de modo que, a partir deles, possa manipular a natureza e assegurar sua própria plenitude orgânica, vital.

Essa perspectiva naturalista, constituída a partir das contribuições teóricas de filósofos e cientistas, tais como Bacon, Descartes, Locke, Hume, Galileu, Kepler, Kant, Leibniz, Newton e Comte, dentre tantos outros, valoriza a natureza e a vida, englobando, assim, todas as propostas educacionais. Tal perspectiva responde pela nova orientação da educação, que agora se desenvolve com base na ciência e não mais na metafísica.

Os referenciais filosófico-educacionais que desde então subsidiam a educação e o ensino fundamentam-se, em última instância, nessa perspectiva naturalista, quaisquer que sejam suas diferenças metodológicas e doutrinárias.

Não há dúvida de que a cultura ocidental ainda está vivendo sob a influência marcante desse projeto iluminista da Modernidade. É o que atesta, no âmbito da educação, a presença consolidada da **Escola Nova**. As marcas da ciência na educação e no ensino não se revelam apenas no conteúdo, mas também na própria metodologia dos processos didáticos.

3.0 Homem numa Perspectiva Histórico-social

No entanto, já estão igualmente presentes as primeiras configurações da gênese de um terceiro momento constituído a partir de um modo dialético de pensar.

Esta nova perspectiva representa concretamente, tanto em sua teoria como em sua prática, um esforço de superação tanto da visão metafísica quanto da visão científica da realidade em geral e da condição humana em particular.

O homem não é mais considerado nem como a essência espiritual dos metafísicos, nem como o corpo natural dos cientificistas. Ele passa a ser considerado como membro da **pólis**, corpo animado, animal espiritualizado, sujeito objetivado.

Práxis: prática humana tendente a criar as condições indispensáveis à existência da sociedade e, particularmente, à atividade material, à produção.

Trata-se de uma entidade, natural e histórica, determinada por condições objetivas de existência, mas capaz de intervir sobre elas, modificando-as pela sua práxis. Sujeito e objeto formam-se, pois, historicamente. E as leis que presidem o desenvolvimento histórico não se situam mais nem no plano da determinação metafísica nem no plano da necessidade física.

Em decorrência disso, a educação passa a ser proposta como processo, individual e coletivo, de constituição de uma nova consciência social e de reconstituição da sociedade, pela rearticulação de suas relações políticas.

Praxismo é a forma de conceber todos os objetos, seres e eventos como resultados históricos da prática social dos homens.

O estabelecimento dos fins e valores envolvidos na ação educativa passa a levar em consideração as relações de poder que atravessam o universo humano, no âmbito da prática real dos homens, sendo, pois, os critérios da ação e da Educação critérios eminentemente políticos.

O modo dialético de considerar a realidade nunca esteve ausente da cultura ocidental. Para comprovar isso, basta citar **Heráclito**, pensador do período pré-socrático (século IV a.C), que já defendia a historicidade do real. Na verdade, tal método só começa a se desenvolver sistematicamente a partir do século XIX, sobretudo com a filosofia de **Hegel** e de **Marx**.

Como enfoque histórico-social da realidade, a abordagem dialética não se limita a esses dois filósofos, permeando praticamente todas as tendências vivas da filosofia contemporânea, constituindo uma conquista universal de todo o pensamento humano.

Podemos representar, sinteticamente, essa tríplice significação filosófica com os quadros que seguem.

	REFERENCIA METAFÍSICA	REFERÊNCIA CIENTÍFICA	REFERÊNCIA DIALÉTICA
	Perspectiva Essencialista O momento de afirmação da metafísica: a harmonia da relação sujeito/objeto sob a primazia do objeto.	**Perspectiva Naturalista** O momento de afirmação da ciência como negação da metafísica: a supremacia do sujeito racional e a construção do objeto.	**Perspectiva Histórico-social** O momento de afirmação da dialética como negação, resgate e superação da metafísica e da ciência: a rearticulação da relação sujeito/objeto.
O CONHECIMENTO	Do ponto de vista epistemológico, o sujeito e o objeto se encontram numa relação de harmonia como que preestabelecida. O objeto se impõe ao sujeito como essência, elemento ontológico qualitativo, autônomo, que o sujeito pode representar em sua subjetividade. A consciência é capacidade de apreensão, seja por identificação, seja pela mediação intuitiva da idéia ou do conceito, do objeto como essência. A razão dispõe, ainda, de garantia extrínseca, representada pela razão divina	A relação sujeito/objeto se torna problemática, sendo posta em xeque a harmonia que a caracterizava, por falta de garantias extrínsecas. A razão é submetida a uma crítica rigorosa, e o objeto só pode se revelar nos limites do alcance do próprio sujeito, que se torna, assim, sujeito constituidor, demiúrgico. Sendo, então, razão lógica pura por excelência, o sujeito representará o objeto, formal ou quantitativamente. O objeto possível se torna forma pura ou mundo natural positivado, quantificado e matematicamente exprimível. A razão humana é capaz de conhecer o mundo enquanto ele se manifesta como conjunto dos fenômenos, mediante uma metodologia simultaneamente experimental e matemática	Sujeito e objeto situam-se, por assim dizer, numa nova relação entre si, na qual nenhum dos dois prevalece, um dependendo do outro, só existindo enquanto pólo da relação. O sujeito se dá conta de que, embora condicionante da posição do objeto, não pode integrá-lo; o objeto, por sua vez, por mais autônomo que seja, não mais se impõe dogmaticamente ao sujeito como pura positividade. O sujeito se reconhece no fluxo da contingência do existir natural e social, reino do objeto que, de seu lado, só tem sentido para um sujeito.
O REAL E O HOMEM	O real constitui uma ordem ontológica: tanto o mundo como o homem são vistos como entes/substâncias que realizam uma essência. A essência de cada ente contém e define as características específicas de cada um, que são universais e comuns a todos os indivíduos da mesma espécie. A perfeição de cada ente se avalia pela plenitude de realização dessas potencialidades intrínsecas	O real se esgota na ordem natural do universo físico, à qual tudo se reduz, incluídos o homem e a própria razão, que é razão natural. O homem se constitui, então, num organismo vivo, regido pelas leis da natureza, leis estas que determinam sua maneira de ser e de se desenvolver, tanto no plano individual como no plano social	O real se constitui da totalidade do universo e se realiza num processo histórico, resultante a cada momento de múltiplas determinações naturais, sociais e culturais; o processo histórico de constituição do real segue "leis" que não se situam mais nem no plano da determinação metafísica, nem no plano da necessidade científica e que não se formalizam mais com base numa pura lógica de identidade. Dessa forma o homem também é entidade natural histórica, determinado pelas condições objetivas de sua existência ao mesmo tempo que atua sobre elas por meio de sua *práxis*.
A AÇÃO HUMANA E A EDUCAÇÃO	Na perspectiva essencialista, a educação é concebida como processo de atualização da potência da essência humana, mediante o desenvolvimento das características específicas contidas em sua substância, visando sempre um estágio de plena perfeição e atualização total. É nessa essência que se encontram inscritos os valores que presidem a ação do homem e que definem os fins da Educação. Portanto, os critérios de toda ação são critérios propriamente éticos.	Na perspectiva naturalista, a educação é concebida como processo de desenvolvimento de um organismo vivo, cujas potencialidades físico-biológicas e sociais já se encontram inscritas no homem, como ser natural que é sempre visando um aumento individual e social da vida. Fins e valores se encontram, pois, expressos na adequação às leis naturais que regulam a vida, e os critérios de avaliação são fundamentalmente técnicos.	Na perspectiva histórico-social, a educação é concebida como processo individual e coletivo de constituição de uma nova consciência social e de reconstituição da sociedade pela rearticulação de suas relações políticas. Fins e valores se definem pelo tipo de relação de poder que os homens estabelecem entre si, na sua prática real, sendo os critérios de avaliação da ação e da educação eminentemente políticos.

A Filosofia:
Tarefa Permanente dos Homens?

Continuando nossa caminhada, vamos agora examinar a dimensão antropológica da Filosofia, ou seja, qual o sentido do conhecimento.

O conhecimento pode ser definido como o estabelecimento de nexos que, no nível da subjetividade humana, vinculam, com determinada coerência entre si, elementos da realidade experienciada pelo homem a partir do próprio processo vital. Estabelecer esses nexos é identificar/conferir um sentido.

Apreender o sentido das coisas é o modo pelo qual a consciência humana se apropria delas, seja quais forem os processos neuropsíquicos postos em ação. O sentido é a qualidade com que as coisas, os diversos aspectos da realidade se apresentam à nossa consciência subjetiva.

A Filosofia é busca sistemática e insistente do sentido da existência humana.

A filosofia é, pois, a busca sistemática e insistente do sentido mais profundo e mais radical da existência humana, sem dúvida alguma para torná-la mais adequada, mais coerente, cada vez mais especificamente humana.

Vemos, então, que a tarefa fundamental da Filosofia é eminentemente antropológica. Isso significa dizer que o objeto central da reflexão filosófica é a própria condição do homem em sua integralidade no contexto histórico. Isto é, ela se propõe a explicitar a possível significação da existência da humanidade, não se apoiando em referências abstraías, mas nas suas condições reais, no mundo natural e sociocultural, dentro do tempo histórico.

Ocorre que uma das preocupações mais presentes da Filosofia em nossa cultura diz respeito ao **próprio sentido do conhecimento**. Como vimos, para saber quem é, o homem precisa pensar, refletir, conhecer. Mas, antes de aplicar seu conhecimento no desvendamento do sentido das coisas, ele procura dar conta desse seu instrumento, procura esclarecer previamente o que é o conhecimento, quais são seus processos, seu alcance e sua validade.

Epistemologia é a área da Filosofia que trata das questões relacionadas ao conhecimento.

A área da Filosofia que trata das questões relativas aos processos de conhecimento, do seu alcance e valor, tanto do ponto de vista descritivo como do crítico, constitui o campo da Epistemologia, também denominada teoria do conhecimento, gnosiologia e crítica.

Cabe à Epistemologia explicitar como ocorre o processo do conhecimento humano, até que ponto ele nos leva à verdade e qual o sentido

da verdade humana.

Além do conhecimento, o homem enfrenta outro conjunto de questões que dizem respeito ao sentido de seu agir em relação aos seus semelhantes. É que o agir humano não se refere exclusivamente ao conhecimento; ele depende ainda de uma visão valorativa que antecede a sua realização. A consciência subjetiva atribui valor a tudo que compõe o seu universo de experiências e é em função desses valores que os homens tomam suas decisões e dirigem seu agir.

A área da Filosofia que se ocupa com o levantamento e com a fundamentação do valor que os homens atribuem às coisas é a Axiologia. Ela estuda a atividade humana do ponto de vista da valoração, busca explicitar sua consciência valorativa. Subdivide-se em **Ética**, **Política**, **Estética**, etc. Na realidade, as abordagens axiológicas tratam da compreensão dos processos da sensibilidade humana aos diferentes valores de sua experiência.

Axiologia é a área da Filosofia que trata das questões relacionadas ao agir humano.

Filosofia da Educação: Refletindo sobre a Existência do Educando

Como reflexão filosófica, a Filosofia da Educação desenvolve sua tríplice tarefa: fundamentalmente como reflexão antropológica, epistemológica e axiológica.

Sua tarefa básica é buscar o sentido mais profundo do próprio sujeito da Educação, ou seja, de construir a imagem do homem em sua situação de sujeito/educando. Como tal torna-se uma **antropologia filosófica**, buscando integrar as contribuições das ciências humanas.

Nessa tarefa, ela é, pois, reflexão eminentemente antropológica e, como tal, torna-se alicerce das demais tarefas que lhe couberem. Só que não basta dizer que cabe à Filosofia da Educação construir a imagem do homem que se propõe a educar. É que essa formulação pode nos induzir à idéia, tradicional em nossa cultura filosófica, de se desenhar uma essência do homem, seja a partir da **metafísica clássica**, seja a partir da própria **ciência positiva**.

Antropologia é a área da Filosofia que trata das questões relacionadas à condição da existência humana.

Conforme vimos, a tradição filosófica ocidental, tanto através de sua perspectiva essencialista (metafísica) como de sua perspectiva naturalista (ciência positiva), acabou construindo, por um lado, uma imagem universal e abstrata da natureza humana e, por outro, uma imagem do homem como simples prolongamento da natureza biológica.

A existência humana é mediada pelas práticas concretas: prática produtiva, prática política e prática simbólica.

Nos dois casos, a Filosofia da Educação perde seu ponto de apoio, pois não fica adequadamente sustentada a condição básica da existência humana, que é sua profunda e radical historicidade. É que o sentido da existência do homem só pode ser apreendido em suas mediações históricas e sociais concretas. A imagem que a Filosofia deve construir do homem só será consistente se baseada nessas condições reais da existência.

Assim, os sujeitos humanos envolvidos na esfera educacional, sujeitos que se educam e que buscam educar, não podem ser reduzidos a modelos abstratamente concebidos de uma "natureza humana", modelo universal idealizado, nem a uma "máquina natural", prolongamento orgânico da natureza biológica. Desse modo, só uma antropologia filosófica é capaz de apreender o homem existindo sob mediações histórico-sociais, sendo visto como um ser eminentemente histórico-social. Aqui se fará concreta e efetiva a colaboração entre a Filosofia da Educação e as ciências humanas da Educação.

Mas, de um segundo ponto de vista, considerando que a educação é fundamentalmente uma prática social, a Filosofia da Educação vai ainda contribuir para sua compreensão e efetivação,

mediante uma reflexão voltada para os valores que a sustentam e para os fins que a norteiam. A reflexão filosófica se faz, então, reflexão axiológica, pesquisando a dimensão valorativa da consciência e a expressão do agir humano relacionado com valores.

Também quanto a este aspecto, a tradição filosófica ocidental, coerente com seus pressupostos, tendeu a ver como fim último da educação a realização de uma perfeição dos indivíduos como plena atualização de uma essência modelar, ou, ainda, entendeu essa perfeição como plenitude de expansão e desenvolvimento de sua natureza biológica.

Hoje, a Filosofia da Educação busca desenvolver sua reflexão, levando em conta os fundamentos antropológicos da existência humana tal como se manifestam em mediações histórico-sociais, dimensão esta que qualifica e especifica a condição humana.

A Filosofia da Educação tem ainda uma terceira tarefa: **a tarefa epistemológica.** Cabe-lhe instaurar uma discussão sobre questões que envolvam os processos de produção, sistematização e transmissão do conhecimento presentes no processo específico da Educação.

Essa questão é importante para a Filosofia da Educação porque a educação pressupõe também mediações subjetivas, isto é, ela pressupõe a intervenção da subjetividade de todos aqueles que se encontram envolvidos por ela. Em cada um dos momentos da atividade educativa está necessariamente presente uma inevitável dose de subjetividade, que impregna todo o processo. A atividade da consciência é uma mediação necessária às atividades da educação.

Nesse seu momento epistemológico, a Filosofia da Educação investe no esclarecimento das relações entre a produção do conhecimento e o processo da educação.

A construção de um sistema de saber no âmbito da educação, o estatuto científico da própria educação, a natureza interdisciplinar do conhecimento educacional, bem como o processo de ideologização presente na teoria e na prática da educação, são, entre outros, os campos da indagação epistemológica da Filosofia da Educação.

A Filosofia da Educação na Formação e na Prática do Profissional da Educação

Tendo em vista o significado intrínseco da Filosofia da Educação, é possível entender a exigência de sua presença no currículo dos cursos de formação de educadores e a necessidade de sua atuação permanente na prática do profissional da educação. Sua presença nos currículos dos cursos de preparação de educadores não se justifica por critérios de erudição ou academicismo. Ao contrário, trata-se de uma exigência do próprio amadurecimento humano do educador.

A reflexão filosófica, desenvolvida no âmbito teórico da Filosofia da Educação, deverá propiciar ao futuro profissional da área de educação as condições de explicitação do projeto educacional a ser desenvolvido por nossa sociedade na busca de seu destino e de sua civilização.

Com efeito, cabe à Filosofia da Educação explicitar e explorar o significado da condição humana no mundo. Ela deve colocar para o educador a questão antropológica a ser instaurada nas coordenadas histórico-sociais da existência concreta dos homens.

O profissional da Educação não poderá entender sua tarefa e nem realizá-la, dando sua contribuição histórica ao desenvolvimento do projeto de sua sociedade, se não tiver por base uma visão da totalidade do humano.

À Filosofia da Educação cabe, então, colaborar para que essa visão seja construída com coerência e "sistematicidade", no decorrer do processo de sua formação e sustentada durante o processo de sua atuação prática no social.

Cabe à Filosofia da Educação tratar das questões epistemológicas, axiológicas e antropológicas concernentes à educação.

A Educação do Educador

À luz do que dissemos, podemos concluir que é tríplice o objetivo da educação do educador: ela deve dar formação científica, política e filosófica. E à Filosofia da Educação, como área de reflexão, cabe a tarefa pedagógica de responder pela sua formação filosófica.

Por formação **técnico-científica** devemos entender o domínio dos conhecimentos científicos relacionados com a realidade educacional. Domínio qualificado e competente que permita ao educador ter uma visão objetiva dessa realidade, superando todas as formas ingénuas e superficiais dos dados que constituem a Educação em sua fenomenalidade. Por isso, os cursos de preparação dos profissionais da Educação, como quaisquer outros cursos de formação profissional, não podem perder de vista essa exigência dos procedimentos rigorosos da ciência na construção do conhecimento do objeto educacional.

Esse embasamento científico servirá de lastro para o domínio das técnicas instrumentais do trabalho a ser desenvolvido. A educação é uma prática de intervenção social e, como tal, exige instrumentos adequados, metodologias específicas, que possam torná-la eficaz na consecução de seus objetivos. As técnicas atuam como mediações para os fins visados, devendo ser cientificamente fundadas, superadas as formas espontaneístas ou intuicionistas de agir.

Além dessa qualificação técnico-científica, o educador precisa de uma formação **política,** isto é, a apropriação e o desenvolvimento de uma consciência social e sensibilidade às condições especificamente políticas, não só de sua atividade, mas de todo o tecido social no qual desenvolverá sua ação pedagógica. Trata-se da competência de compreender e de agir coerentemente com essa compreensão. Educação só tem sentido no âmbito de um projeto político mais amplo.

Finalmente, ao educador impõe-se uma formação **filosófica,** ou seja, a sensibilidade de que sua ação educacional depende ainda de sua inserção num projeto antropológico. Com isso se quer dizer que a educação só ganha sentido pleno a partir de uma visão de totalidade, que articula o destino das pessoas ao de toda a comunidade humana.

O educador precisa ter sólida formação científica, política e filosófica.

Em síntese, dadas as características específicas da educação, a preparação do profissional dessa área deve garantir-lhe, com solidez e competência, um rigoroso domínio dos conteúdos científicos e de habilidades técnicas, uma consistente percepção das relações situacionais dos homens e uma abrangente sensibilidade às condições antropológicas de sua existência.